

Bases epistemológicas da avaliação: entre saberes e práticas

ELAINE MARIA DE ANDRADE SENRA^I
LIGIA GOMES ELLIOT^{II}
LAISA RAQUEL BEZERRA DA SILVA^{III}
TIAGO MAGALHÃES BASTOS^{IV}
<http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v16i51.4984>

Resumo

Este artigo aborda a epistemologia da avaliação, explorando seus fundamentos teóricos e práticos; discute a ausência de uma definição única de avaliação e enfatiza a necessidade de um "pensamento avaliativo" rigoroso, conforme proposto por Patton, que integra reflexão, diálogo aberto e julgamento fundamentado. A avaliação é apresentada como uma atividade transdisciplinar, influenciada por diversos contextos e paradigmas epistemológicos, enriquecendo sua prática e contribuindo para decisões seguras e melhorias contínuas. O artigo explora ainda a relação entre epistemologia e avaliação, destacando que a avaliação é intrinsecamente vinculada ao conhecimento, examinando razões, evidências e critérios de validade; introduz os principais paradigmas de avaliação e suas conexões com a Árvore de Alkin; discute a integração das bases epistemológicas na elaboração de critérios e instrumentos avaliativos; aborda a integração de saberes e práticas avaliativas em um mundo em constante transformação. Nas considerações finais, o artigo argumenta que as diversas abordagens avaliativas devem estar ancoradas em uma realidade epistemológica sólida, fundamental para sustentar um processo avaliativo robusto e eficaz.

Palavras-chave: Epistemologia; Avaliação; Paradigmas; Transdisciplinar; Pensamento Avaliativo.

Submetido em: 28/06/2024

Aprovado em: 28/06/2024

^I Faculdade Cesgranrio (FACESG), Rio de Janeiro (RJ), Brasil; <http://orcid.org/0009-0003-4072-1486>; e-mail: elaine.senra@cesgranrio.org.br.

^{II} Faculdade Cesgranrio (FACESG), Rio de Janeiro (RJ), Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-7358-5340>; e-mail: ligia@cesgranrio.org.br.

^{III} AVM - Faculdade Integrada, Rio de Janeiro (RJ), Brasil; <https://orcid.org/0009-0005-1386-3336>; e-mail: laisa.raquell@gmail.com.

^{IV} Professor do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil; <https://orcid.org/0009-0008-2044-5388>; e-mail: ligia@cesgranrio.org.br.

Epistemological basis of evaluation: between knowledge and practice

Abstract

This article approaches the epistemology of evaluation, exploring its theoretical and practical framework. It discusses the absence of a unique definition to evaluation and emphasizes the necessity of a strict "evaluative mindset", as Patton proposes, presenting reflection, open dialogue and reasoned judgment. Evaluation is presented as a transdisciplinary activity, influenced by numerous contexts and epistemological paradigms, enriching its practice and contributing to safe decisions and continuous improvement. The study also explores the relation between epistemology and evaluation, accentuating that evaluation is intrinsically connected to knowledge, examining reasons, evidences and criteria of validity. It introduces the main paradigms of evaluation and its connections with the Alkin's Tree; discusses the integration of epistemological basis in criteria elaboration and evaluative instruments; approaches the integration of evaluative knowledge and practices in a constantly changing world. In the final considerations, the paper argues that the numerous evaluative approaches must be anchored in a solid epistemological reality, essential to sustain a robust and efficient evaluative process.

Keywords: Epistemology; Evaluation; Paradigms; Transdisciplinary; Evaluative mindset.

Bases epistemológicas de la evaluación: entre conocimientos y prácticas

Resumen

Este artículo aborda la epistemología de la evaluación, explorando sus fundamentos teóricos y prácticos. Discute la ausencia de una definición única de evaluación y enfatiza la necesidad de un "pensamiento evaluativo" riguroso, según lo propuesto por Patton, que integra reflexión, diálogo abierto y juicio fundamentado. La evaluación se presenta como una actividad transdisciplinaria, influenciada por diversos contextos y paradigmas epistemológicos, enriqueciendo su práctica y contribuyendo a decisiones seguras y mejoras continuas. El artículo también explora la relación entre epistemología y evaluación, destacando que la evaluación está intrínsecamente vinculada al conocimiento, examinando razones, evidencias y criterios de validez. Introduce los principales paradigmas de evaluación y sus conexiones con el Árbol de Alkin. Discute la integración de las bases epistemológicas en la elaboración de criterios e instrumentos evaluativos. Aborda la integración de conocimientos y prácticas evaluativas en un mundo en constante transformación. En las consideraciones finales, el artículo argumenta que los diversos enfoques evaluativos deben estar anclados en una realidad epistemológica sólida, fundamental para sostener un proceso evaluativo robusto y eficaz.

Palabras clave: Epistemología; Evaluación; Paradigmas; Transdisciplinario; Pensamiento Evaluativo.

1 Introdução

Não existe uma definição única de avaliação aceita como padrão na comunidade mundial de avaliadores profissionais. Contudo, há um consenso de que a avaliação envolve uma investigação sistemática para determinar o mérito, ou o valor, do que está sendo avaliado a partir do emprego de métodos, normas e do raciocínio científico. Patton (2018b) chega a colocar que a relação entre ciência e avaliação é tão intrínseca, que não seria forçoso falarmos em uma ciência da avaliação. O autor argumenta que a avaliação deve ser vista como uma forma de investigação, utilizando métodos rigorosos para examinar e analisar dados de maneira aprofundada.

Nesse sentido, há um conjunto de paradigmas científicos a serem elucidados quando consideramos a ciência da avaliação, o que certamente nos servirá de apoio no desenvolvimento de um “pensamento avaliativo”, no sentido proposto por Patton (2019), ou seja, de uma análise rigorosa de evidências e raciocínio para emitir julgamentos de mérito, valor, significância e utilidade na prática avaliativa. Os valores centrais que estruturam o pensamento avaliativo são abertura e clareza.

Para se comprometer com o pensamento avaliativo, é necessário que os processos de raciocínio, valoração e julgamento, quaisquer que sejam, em um determinado contexto, sejam feitos da forma mais explícita possível. Para isso, a reflexão e a reflexividade formam a base do pensamento individual, e o diálogo, ao ser o mais aberto e explícito possível, facilita esse posicionamento dentro de um grupo. Assim, a base para emitir julgamentos de mérito ou valor pode ser examinada, questionada, discutida e avaliada.

É nesse sentido que este artigo propõe um estudo acerca da epistemologia da avaliação, seus saberes e suas práticas. A avaliação é uma atividade de natureza transdisciplinar (Mertens, 2015) que está profundamente enraizada em uma ampla variedade de contextos e paradigmas epistemológicos.

Autores como Mertens (2015), Alkin (2013), Patton (2018a), Guba e Lincoln (2005), dentre outros, desempenharam um papel fundamental ao abordarem a natureza transdisciplinar e a epistemologia da avaliação para uma compreensão aprofundada desse processo. Uma avaliação transcende aos limites disciplinares, englobando elementos de diversas áreas do conhecimento. A interseção entre essas perspectivas enriquece a prática avaliativa, permitindo uma abordagem mais

completa, sensível ao contexto e reflexiva, que contribui para a tomada de decisões controladas e para a melhoria contínua em uma variedade de campos.

Na segunda seção deste artigo, apresentaremos um breve ensaio sobre a natureza da epistemologia e da avaliação a partir de definições, conceitos e uma breve fundamentação histórico-filosófica. Na seção três, apresentaremos os principais paradigmas da avaliação e seus possíveis vínculos aos ramos da Árvore de Alkin, também conhecida como Árvore da Avaliação. Na seção quatro, discutiremos como as bases epistemológicas e as abordagens avaliativas se entrelaçam na elaboração de critérios e instrumentos avaliativos. Na quinta seção, colocaremos em discussão a integração de saberes e práticas da avaliação em um mundo em constante transformação. Finalmente, na sexta e última seção, apresentamos algumas reflexões sugerindo que as inúmeras abordagens avaliativas não eliminam a existência de uma realidade epistemológica. Pelo contrário, e é aqui que reside o diferencial deste artigo – as abordagens avaliativas precisam estar ancoradas nesta realidade epistemológica tal como as fundações de concreto dependem do solo natural para suportar um edifício.

2 A natureza da epistemologia e da avaliação

A epistemologia, como campo da filosofia que se dedica ao estudo do conhecimento, e a avaliação, como prática que busca atribuir valor, qualidade ou mérito a determinadas crenças, ideias, ações ou objetos em diferentes contextos, são dois domínios aparentemente distintos, mas que possuem uma relação intrincada. Para compreender essa relação e suas implicações, é fundamental explorar as definições, conceitos e fundamentos histórico-filosóficos desses campos.

Podemos dizer que, *a priori*, a avaliação é uma atividade epistêmica, pois encontra-se intrinsecamente vinculada ao conhecimento. Quando avaliamos algo, estamos buscando determinar se podemos justificar ou sustentar racionalmente nossas crenças a respeito desse algo. Isso implica em examinar as razões e as evidências que apoiam ou refutam nossas crenças, bem como os critérios pelos quais determinamos sua validade. Assim, a relação entre epistemologia e avaliação torna-se evidente quando consideramos que a avaliação é, em última instância, uma forma de julgar a qualidade e a validade do conhecimento.

Já a epistemologia, em sua essência, busca responder a perguntas fundamentais sobre: o que é o conhecimento; como o conhecimento é adquirido;

quais são os critérios para a justificação do conhecimento. Para abordar essas questões, os filósofos, ao longo da história, desenvolveram diversas teorias epistemológicas, como o idealismo, o empirismo, o racionalismo, o construtivismo, dentre outras tantas, cada uma enfatizando diferentes aspectos do conhecimento. Dessa forma, os critérios e padrões elaborados em uma avaliação refletem as concepções epistemológicas sobre o que é considerado um conhecimento válido e confiável. Por exemplo, em um contexto educacional, a escolha de um método de avaliação, como provas escritas ou projetos práticos, está intrinsecamente ligada às preocupações sobre como o conhecimento é adquirido e demonstrado.

Filósofos como Platão, Aristóteles, Descartes e Kant influenciaram significativamente nossa compreensão do conhecimento, enquanto teóricos contemporâneos, como Thomas Kuhn e Ludwig Wittgenstein, trouxeram novas perspectivas à epistemologia. Da mesma forma, abordagens modernas de avaliação, como a avaliação participativa e a avaliação realista, refletem uma compreensão mais desenvolvida das complexidades do conhecimento humano.

Os fundamentos histórico-filosóficos relacionados ao ato de avaliar remontam a Platão e Aristóteles. Embora compartilhem algumas ideias semelhantes, suas abordagens diferem em certos aspectos.

No diálogo "A República" (Platão, 1993), Platão discute a natureza da justiça e apresenta a "teoria das ideias". O conceito de "ser" está intimamente ligado à sua teoria das Ideias ou Formas. Segundo Platão, o mundo sensível é apenas uma cópia imperfeita e mutável das ideias eternas e imutáveis (Platão, 1993). Por exemplo, pode haver muitas cadeiras no mundo sensível, mas a verdadeira ideia de "cadeira" existe no mundo das ideias como um modelo perfeito e imutável. Ao avaliar uma cadeira, deve-se compará-la com a "ideia de cadeira" para determinar se ela é uma boa cadeira ou não.

Nesse sentido, para Platão, avaliar algo implica compará-lo com sua forma ideal no mundo das ideias. Quanto mais próximo algo estiver da forma ideal, mais valioso será. Essa noção de valor está relacionada à autoridade platônica das ideias, em que algumas são consideradas mais elevadas e valiosas do que outras. Por exemplo, para Platão, a ideia do "bem" é a mais alta e representa o valor supremo. O ato de avaliar, para Platão, é o processo de reconhecer a falta de perfeição nas coisas sensíveis, existentes no mundo físico.

Por outro lado, Aristóteles (384-322 ac), discípulo de Platão, desenvolveu uma abordagem mais empirista e voltada para o mundo concreto. Ele enfatizava a importância do estudo da natureza e dos seres individuais para compreender a realidade. Para Aristóteles (2002), o ser não está apenas nas ideias, mas também nas coisas ou objetos individuais e particulares. Ele acreditava que o ser é inseparável do valor, ou seja, o valor está presente em tudo o que existe. O filósofo introduz uma ideia de "teleologia", segundo a qual todas as coisas têm uma finalidade intrínseca (Aristóteles, 2002). Ao avaliar algo, devemos considerar sua finalidade e como ela se cumpre. O "ser" ou o "valor" de algo está relacionado à sua realização desse propósito. O "ser" é entendido como a essência de uma coisa, sua natureza própria e seu propósito.

A compreensão clássica da relação entre "ser e valor", estabelecida por Platão e Aristóteles, permaneceu até o século XVIII, quando Immanuel Kant rompeu com tal modelo. "A partir de Kant, passou-se a compreender que "o ser é" e "o valor vale", duas fenomenologias distintas com as quais nos confrontamos no dia a dia" (Luckesi, 2022).

Para entender a abordagem de Kant, é necessário considerar a distinção que ele faz entre o "mundo dos fenômenos" e o "mundo dos noumenos". Como exposto em sua obra "Crítica da Razão Pura" (Kant, 2021), o "mundo fenomênico" refere-se à realidade que se mostra através de nossos sentidos e que é estruturada pela nossa mente. Essa realidade é composta por objetos e eventos que podemos experimentar empiricamente. O "ser" no contexto fenomênico se refere à existência de objetos e eventos que fazem parte dessa realidade empírica. Nesse sentido, algo "é" se pode ser percebido e experimentado de alguma forma.

No entanto, Kant (1988) também postula a existência do "mundo noumênico", conforme discutido em sua obra "Crítica da Razão Prática". Este é um domínio além dos limites de nossa percepção, transcendendo espaço e tempo, e inacessível à experiência direta. Aqui, Kant argumenta que o "ser em si" é intrinsecamente inatingível, uma noção desenvolvida em sua "Crítica da Razão Pura".

Quando se trata do "valor", Kant (1988) o relaciona com a esfera moral. Ele argumenta que o valor não pode ser atribuído às coisas em si mesmas, mas sim às ações humanas e à intenção moral que as acompanha. Para Kant (1988), o valor está intimamente relacionado à racionalidade e à capacidade humana de agir de acordo com princípios morais universais, conceitos propostos em sua "Crítica da

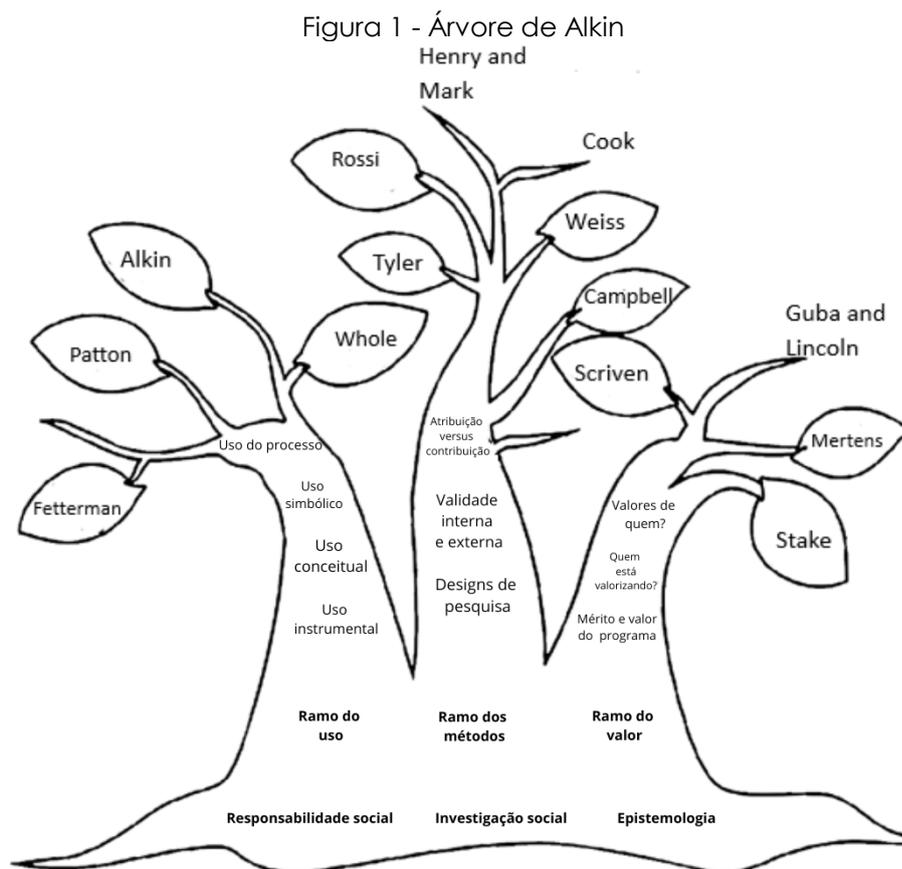
Razão Prática". A moralidade, para Kant (1988), é baseada no imperativo categórico, que afirma que devemos agir de acordo com princípios que poderiam ser universalmente aceitos.

Dessa forma, Kant separa o "ser" no sentido fenomênico, relacionado à existência empírica dos objetos e eventos, do "valor", relacionado à esfera moral e às ações humanas conforme conceitos desenvolvidos nas obras mencionadas. Enquanto o "ser" está ligado à percepção e à existência empírica, o "valor" está relacionado à racionalidade moral e à capacidade de agir de acordo com princípios éticos. Essa distinção é fundamental na filosofia moral de Kant, onde a ênfase recai na autonomia da vontade e na universalidade dos princípios morais.

3 A árvore de Alkin e os principais paradigmas da avaliação

Alkin é um especialista em avaliação reconhecido por suas contribuições no campo da avaliação de programas e políticas. Ele desenvolveu uma estrutura chamada "árvore de avaliação", propondo uma visão sistemática e abrangente dos componentes envolvidos no processo de avaliação. Essa estrutura é composta por três ramos principais, os quais denominou: método, uso e valores, cada um representando uma dimensão crítica da avaliação. É bastante pedagógica ao organizar e relacionar diferentes autores e suas abordagens nos três grandes ramos, a partir da ênfase dada por cada um.

A distinção entre os modelos de avaliação baseados nas três dimensões - método, uso e valores - não é baseada na exclusividade, ou seja, que apenas um modelo faz uso de uma ou outra dimensão e outros não. Em vez disso, o sistema de categorias é baseado na ênfase relativa dentro dos vários modelos (Christie; Alkin, 2013).



Fonte: Os autores (2024) adaptada de Alkin (2013).

Apresentamos, a seguir, uma síntese da proposta de cada um dos ramos:

Método: o ramo do método na árvore de avaliação de Alkin concentra-se nos processos, abordagens e técnicas usadas para coletar, analisar e interpretar dados durante uma avaliação. Isso inclui a escolha de métodos qualitativos e quantitativos, a definição de indicadores de sucesso, a seleção de processo e a criação de ferramentas de coleta de dados. A seleção do método adequado é crucial para garantir que a avaliação seja precisa, confiável e relevante para os objetivos definidos (Lemire; Peck; Porowski, 2020).

Uso: o ramo do uso trata da aplicação dos resultados da avaliação para fins práticos. Isso envolve a identificação dos diferentes públicos-alvo para os quais os resultados da avaliação são relevantes e como esses resultados podem ser usados para tomar decisões precisas. O uso da avaliação pode variar, desde a melhoria contínua de um programa até a tomada de decisões de políticas mais amplas. Alkin (2013) enfatiza a importância de envolver as partes interessadas desde o início do processo de avaliação para garantir que os resultados sejam úteis e usados de maneira eficaz (Lemire; Peck; Porowski, 2020).

Valores: o ramo dos valores refere-se aos princípios éticos e morais que guiam o processo de avaliação. Alkin (2013) destaca a importância de se considerar como princípios éticos da avaliação as questões de privacidade, a equidade e a justiça social. Ele enfatiza que as decisões tomadas durante a avaliação não são meramente técnicas, mas também têm princípios éticos que podem afetar as partes envolvidas. A reflexão sobre os valores é fundamental para garantir que a avaliação seja realizada de maneira justa e responsável (Lemire; Peck; Porowski, 2020).

Mertens e Wilson (2012) desenvolveram, a partir de Guba e Lincoln (2005), o conceito de paradigma a partir de quatro pressupostos filosóficos: axiologia, ontologia, epistemologia e metodologia. A partir de tais pressupostos, identificaram quatro grandes paradigmas que estão em uso no mundo da avaliação: pós-positivista, construtivista, transformativo e pragmático, e os associaram aos três ramos da avaliação conforme proposto por Alkin. Acrescentaram a esses três ramos, - uso, métodos e valor - um quarto ramo: o da justiça social (Mertens; Wilson, 2012).

Propõem, então, que os paradigmas e os ramos da avaliação se alinhem da seguinte forma:

Quadro 1 – Paradigmas e Ramos da avaliação

Paradigma	Ramo	Descrição
Pós-positivista	Métodos	Valoriza métodos de pesquisa como experimentação controlada, análise estatística e observação objetiva. O pressuposto metodológico deste ramo reflete o uso de métodos científicos que permitem ao avaliador descobrir leis sobre o comportamento humano por meio de observações empíricas. Reconhece a existência de uma realidade objetiva, mas enfatiza as construções humanas na compreensão dessa realidade. Argumenta que essa realidade só pode ser aproximadamente compreendida por meio de construções humanas, como teorias e modelos. Prioriza o uso de modelos experimentais na forma de ensaios de controle randomizados que requerem seleção aleatória de sujeitos e atribuição aleatória a condições de intervenção (Mertens, 2015).
Pragmatismo	Uso	Enfatiza a importância de uma abordagem prática e orientada para resultados, com foco na utilidade e aplicabilidade dos resultados da avaliação. O pressuposto metodológico subjacente ao ramo do uso é que o método deve corresponder ao propósito da avaliação (Patton, 2008). Isso se traduz em uma abordagem que valoriza a utilidade, a relevância e a aplicabilidade dos resultados da avaliação para os tomadores de decisão e para melhorar o programa em si. Uma abordagem pragmática para a avaliação envolve a participação ativa dos <i>stakeholders</i> relevantes no processo de avaliação, garantindo que suas perspectivas e necessidades sejam consideradas.

Paradigma	Ramo	Descrição
Construtivismo	Valores	Valoriza a compreensão qualitativa e a análise das experiências e significados atribuídos pelos indivíduos. Utiliza métodos como estudos de caso, entrevistas abertas e análise de narrativas para compreender as experiências e perspectivas dos participantes. Pressupõe que os avaliadores precisam estar mais envolvidos pessoalmente com as comunidades-alvo. Questiona a existência de uma realidade objetiva externa e enfatiza a construção social e subjetiva do conhecimento.
Transformativo	Justiça social	Concentra-se principalmente nos pontos de vista de grupos marginalizados e questiona a estrutura do poder sistêmico por meio de métodos mistos para promover a justiça social e os direitos humanos. O pressuposto metodológico transformativo não dita nenhuma abordagem particular para cada avaliação. Em vez disso, as decisões metodológicas visam determinar a abordagem que melhor facilitará o uso do processo e das descobertas para aumentar a justiça social; identificar as forças sistêmicas que sustentam o <i>status quo</i> e aquelas que permitirão que a mudança aconteça; e reconhecer a necessidade de uma relação crítica e reflexiva entre o avaliador e as partes interessadas" (Mertens; Wilson, 2012, p. 172). Na prática, a avaliação, sob o paradigma transformativo, busca identificar não apenas se os objetivos do programa foram alcançados, mas também como o programa contribuiu para transformações mais amplas, como mudanças em políticas, práticas institucionais, relações sociais, valores e crenças.

Fonte: Os autores (2024) adaptado de Mertens (2015).

Ao alinhar os paradigmas filosóficos com os ramos da avaliação propostos por Alkin (2013), podemos compreender mais profundamente como diferentes perspectivas epistemológicas e axiológicas influenciam as abordagens e métodos avaliativos.

O paradigma pós-positivista, por exemplo, encontra sua correspondência no ramo do método, onde a ênfase na objetividade e na validade dos dados quantitativos reflete a busca por leis e regularidades no comportamento humano. Por outro lado, o pragmatismo, associado ao ramo do uso, destaca a importância de escolher métodos e abordagens que sejam mais relevantes e úteis para as partes interessadas, reconhecendo que a utilidade da avaliação é determinada pelo seu propósito prático. Enquanto isso, o construtivismo, ligado ao ramo dos valores, destaca a importância de considerar múltiplas perspectivas e valores, enfatizando a participação ativa dos avaliadores nas comunidades-alvo. Por fim, o paradigma transformativo, relacionado ao ramo da justiça social, enfatiza a necessidade de

confrontar e transformar as estruturas de poder sistêmico, promovendo a justiça social e os direitos humanos através de abordagens reflexivas e críticas.

Ao reconhecer e integrar esses paradigmas e ramos, os avaliadores adotam uma abordagem mais abrangente e inclusiva, garantindo que as avaliações sejam sensíveis aos contextos sociais e éticos em que estão inseridas, e que contribuam para a promoção do bem-estar e da equidade em nossas sociedades. Em suma, a estrutura da "árvore de avaliação", desenvolvida por Alkin (2013), oferece uma visão holística e organizada dos elementos cruciais envolvidos no processo de avaliação de programas e políticas.

4 Bases epistemológicas e abordagens avaliativas na elaboração de critérios e instrumentos avaliativos

A avaliação, como processo de julgamento e análise, desempenha um papel fundamental em diversos campos do conhecimento, da educação à ciência, passando pelo mundo dos negócios e da saúde. Contudo, a forma como a avaliação é concebida e realizada varia consideravelmente de acordo com as bases epistemológicas subjacentes, ou seja, as formas de compreender e buscar o conhecimento. Em outras palavras, os critérios, instrumentos e metodologias avaliativas devem ser elaborados de forma a garantir a relevância e a utilidade dos resultados para os diferentes *stakeholders* envolvidos no contexto considerado.

Como exemplo, Patton (2008), renomado avaliador americano do século XX e criador da avaliação focada na utilização, destaca em suas obras a importância de uma abordagem centrada nos resultados da avaliação, conhecida como "*Utilization-Focused Evaluation*". Esta abordagem, por exemplo, está vinculada ao paradigma pragmático, que valoriza a utilidade e a aplicabilidade dos conhecimentos produzidos pela avaliação na tomada de decisão e na melhoria das práticas avaliadas.

Já Stake (2010), um líder no desenvolvimento de métodos de avaliação de programas, enfatiza a importância de uma abordagem qualitativa na avaliação de programas, argumentando que ela permite uma compreensão mais profunda e holística dos fenômenos avaliados. Este tipo de abordagem vai ao encontro do paradigma construtivista, que valoriza a interação entre os sujeitos e o objeto de conhecimento na construção de significados e compreensões sobre os objetos

estudados. Entre suas muitas contribuições, estão os livros: *Qualitative Research: Studying How Things Work*, de 2010 e *The Art of Case Study Research*, de 1995.

A relação entre as bases epistemológicas e as abordagens avaliativas tornou-se evidente dentro do contexto avaliativo, caracterizando sua importância social. Diferentes bases epistemológicas fundamentam as abordagens avaliativas, assim como diferentes abordagens avaliativas fundamentam as diversas possibilidades de condução do processo avaliativo em seus respectivos contextos sociais. Essa interconexão é fundamental para a compreensão do processo de avaliação e sua relevância na sociedade.

Contudo, a escolha de uma base epistemológica e de uma abordagem avaliativa não deve ser considerada uma correspondência biunívoca. Muitos estudos adotam abordagens híbridas que combinam elementos de diferentes perspectivas epistemológicas e abordagens avaliativas. Essa abordagem holística permite uma compreensão mais abrangente e contextualizada do objeto de avaliação.

Assim, a elaboração dos critérios, instrumentos e metodologias avaliativas deve considerar essas diferentes perspectivas. Os critérios devem ser construídos de forma a refletir os valores e objetivos do programa avaliado, levando em consideração a diversidade de perspectivas e experiências dos participantes. Worthen, Sanders e Fitzpatrick (2011, p. 332), em seu livro *Avaliação de Programas*, ressaltam que os critérios são fatores considerados importantes para julgar algo. Para Davidson (2005, p. 91), os critérios definem os aspectos, qualidades ou dimensões de um objeto de estudo e distinguem um avaliador mais meritório ou valioso de um que é menos meritório ou valioso e prossegue comentando que são centrais para qualquer avaliação.

Elliot (2000), aborda o termo "critérios para a avaliação" de uma maneira bem ilustrativa, a partir do artigo de Veríssimo (1989) sobre um naufrágio em que narra uma discussão entre sobreviventes buscando "critérios" para definir "quem seria o primeiro a ser sacrificado", caso fosse necessário chegar ao limite extremo da antropofagia. Contudo, coloca que o "bote em que se encontravam, virou no mar revolto, visitado por tubarões vorazes, que, como se sabe, não têm nenhum critério..." Assim, Elliot (2000) faz a narrativa do texto de Veríssimo (1989) ressaltando que "se focalizarmos nossos atos diários com mais atenção, descobriremos que são inúmeras as situações em que avaliamos com base em critérios, conhecidos ou particulares, e tomamos nossas decisões".

Estabelecidos os critérios a serem usados para julgar o valor de um programa em geral, Elliot (2012) define que a elaboração de instrumentos de avaliação são recursos usados para a coleta de dados que vão auxiliar o avaliador a obter informações e tirar conclusões sobre o que acontece nas intervenções e atividades desenvolvidas. Assim, os instrumentos são aplicados para registrar, verificar, medir e avaliar tais procedimentos. Questionários, escalas de mensuração, listas de verificação, entrevista, observação e grupo focal são instrumentos e métodos utilizados como formas de coleta de dados (Elliot, 2012).

Conseqüentemente, os instrumentos avaliativos são ferramentas essenciais no processo de avaliação. A elaboração desses instrumentos deve ser cuidadosa e criteriosa, levando em consideração as bases epistemológicas e as abordagens avaliativas adotadas. Por exemplo, em uma abordagem pragmática, que valoriza a utilidade dos resultados da avaliação na tomada de decisão, os instrumentos devem ser construídos de forma a fornecer informações relevantes e aplicáveis para os *stakeholders* envolvidos. Isso pode implicar em instrumentos mais diretos, com foco em indicadores objetivos de desempenho ou resultados mensuráveis.

Por outro lado, em uma abordagem qualitativa, que busca uma compreensão mais profunda e holística dos fenômenos avaliados, os instrumentos podem ser mais abertos e flexíveis, permitindo a coleta de dados qualitativos, como narrativas, experiências e percepções dos participantes. Esses instrumentos podem incluir entrevistas semiestruturadas, grupos focais ou observações participativas, que possibilitam uma imersão mais completa no contexto avaliado.

Além disso, a escolha dos instrumentos também deve considerar os objetivos da avaliação, o contexto em que ela ocorre e as características do público-alvo. Por exemplo, em avaliações de programas educacionais, pode ser necessário utilizar instrumentos que avaliem não apenas o desempenho acadêmico dos alunos, mas também competências socioemocionais e comportamentais. Da mesma forma, em avaliações de políticas públicas, os instrumentos devem ser sensíveis às especificidades do contexto político e social em que as políticas estão inseridas.

Em resumo, os instrumentos avaliativos desempenham um papel crucial na coleta de dados e informações para a avaliação, e sua elaboração deve ser orientada pelas bases epistemológicas e abordagens avaliativas adotadas, bem como pelos objetivos e contexto da avaliação. A escolha dos instrumentos certos é

fundamental para garantir a relevância e a utilidade dos resultados da avaliação para os diferentes *stakeholders* envolvidos.

5 Saberes e práticas da avaliação em um mundo em constante transformação

O mundo contemporâneo apresenta uma série de desafios únicos para a avaliação. A rápida evolução da tecnologia, as mudanças demográficas, as crises ambientais e as complexidades geopolíticas são apenas algumas das variáveis que influenciam a eficácia e relevância dos programas. Autores como Alkin (2013) e Scriven (2008) têm examinado criticamente esses desafios, destacando a necessidade de flexibilidade, adaptabilidade e inovação nas práticas de avaliação.

Nesse contexto, a avaliação de programas é uma prática fundamental para garantir a efetividade e o aprimoramento contínuo das intervenções sociais, educacionais e de saúde em um mundo em constante transformação. A avaliação não deve ser vista apenas como uma atividade técnica, mas também como um processo que envolve saberes e práticas complexas, capazes de lidar com as demandas e desafios do mundo contemporâneo. Para compreender tamanha complexidade, é necessário considerar diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Segundo Scriven (2008), a avaliação deve ser vista como um processo interativo, que envolve a coleta e análise de dados, a interpretação dos resultados e a tomada de decisões com base nessas informações. Nesse sentido, a avaliação não é um fim em si mesma, mas sim um meio para promover a melhoria dos programas e a tomada de decisões informadas.

Outro autor importante nesse campo é Stufflebeam (2001), que propõe um modelo de avaliação baseado em quatro abordagens: a avaliação de contexto, que considera o ambiente em que o programa está inserido; a avaliação de entrada, que analisa os recursos disponíveis para o programa; a avaliação de processo, que verifica a implementação do programa; e a avaliação de resultado, que avalia os efeitos do programa sobre os participantes e a comunidade.

Além desses autores, é importante mencionar as contribuições de Rossi, Lipsey e Freeman (2004), que defendem a importância da avaliação baseada em evidências, ou seja, que utilize métodos rigorosos e cientificamente válidos para avaliar o impacto dos programas. Segundo esses autores, a avaliação baseada em evidências é essencial para garantir a efetividade dos programas e a alocação eficiente de recursos. Diante desse contexto, é possível afirmar que os saberes e

práticas da avaliação em um mundo em constante transformação devem estar fundamentados em uma abordagem interdisciplinar, que leve em conta as múltiplas dimensões dos programas e as complexidades do contexto em que estão inseridos. Nesse sentido, a formação de avaliadores deve ser pautada pela busca constante de atualização e aprimoramento, de modo a garantir a qualidade e a relevância das avaliações realizadas.

Em suma, a avaliação de programas em um mundo em constante transformação requer a articulação de saberes e práticas complexas, capazes de lidar com as demandas e desafios da contemporaneidade. Nesse sentido, é fundamental que os avaliadores estejam preparados para utilizar abordagens e métodos inovadores, que possam contribuir para a melhoria contínua dos programas e para o alcance de resultados efetivos e sustentáveis.

6 Considerações finais

A avaliação é uma atividade complexa e multifacetada, que envolve a investigação sistemática e a análise rigorosa de dados para determinar o mérito, valor e significância do que está sendo avaliado. Este artigo buscou explorar a relação entre a epistemologia e a avaliação, destacando como diferentes perspectivas filosóficas influenciam as abordagens e práticas avaliativas.

A partir da análise da epistemologia da avaliação, seus saberes e práticas, foi possível compreender a importância de uma abordagem holística e interdisciplinar na avaliação de programas. Autores como Mertens (2015), Alkin (2013), Patton (2018a), Guba e Lincoln (2005) e outros, contribuíram significativamente para a compreensão da natureza transdisciplinar e da epistemologia da avaliação, destacando a importância de considerar múltiplas perspectivas e valores na prática avaliativa.

A Árvore de Alkin e os Principais Paradigmas da Avaliação apresentados neste artigo oferecem uma visão sistemática e abrangente dos componentes envolvidos no processo de avaliação, destacando a importância dos métodos, uso, valores e justiça social na condução de avaliações eficazes e relevantes.

As bases epistemológicas e as abordagens avaliativas na elaboração de critérios e instrumentos avaliativos foram discutidas, ressaltando a importância de considerar diferentes perspectivas e contextos na escolha e desenvolvimento desses instrumentos. A integração de saberes e práticas da avaliação em um mundo em

constante transformação requer uma abordagem flexível, adaptável e inovadora, capaz de lidar com os desafios e demandas do mundo contemporâneo.

Uma das principais conclusões deste estudo é que a avaliação não é apenas uma atividade técnica, mas sim um processo que envolve saberes complexos e práticas adaptáveis. Os avaliadores devem estar preparados para lidar com a diversidade de perspectivas, contextos e desafios que surgem no mundo contemporâneo. Além disso, este artigo ressaltou a importância da reflexão crítica e da atualização constante dos avaliadores. Em um mundo em rápida transformação, é essencial que os profissionais estejam abertos a novas abordagens e métodos inovadores, que possam responder de forma eficaz às demandas emergentes e contribuir para a melhoria contínua dos programas avaliados.

Finalmente, como apresentado ao longo deste artigo, as inúmeras abordagens avaliativas não eliminam a existência de uma realidade epistemológica. Pelo contrário, as abordagens avaliativas precisam estar ancoradas nesta realidade epistemológica tal como as fundações de concreto dependem do solo natural para suportar um edifício. A avaliação é uma prática fundamental para garantir a efetividade e o aprimoramento contínuo das intervenções sociais, educacionais e de saúde, sendo essencial para promover a melhoria dos programas e a tomada de decisões em um mundo em constante transformação.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo projeto aprovado no Auxílio Básico à Pesquisa (APQ1) de 2023.

Referências

- ALKIN, M. C. *Evaluation roots: tracing theorists' views and influences*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2013.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1985.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução: Giovanni Reale. São Paulo: Loiola, 2002.
- CAMPBELL, D. T. Reforms as experiments. *American Psychologist*, Washington, v. 24, n. 4, p. 409–429, 1969. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0028529>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fh0028529>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- CHRISTIE, C. A.; HO, J. E.; ALKIN, M. C. Evaluation Roots: theory to practice. In: ALKIN, M. C. *Evaluation roots: tracing theorists' views and influences*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2013.
- ELLIOT, L. G. (org.). *Instrumentos de avaliação e pesquisa: caminhos para construção e validação*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- ELLIOT, L. G. Critérios de julgamento: chave para a avaliação da aprendizagem. *Revista Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 27, p. 129-142, jun. 2000.
- FUNNELL, S. C.; ROGERS, P. J. *Purposeful program theory: effective use of theories of change and logic models*. São Paulo: John Wiley & Sons, 2011.
- GUBA, E.; LINCOLN Y. S. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluence. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.). *The Sage handbook of qualitative research*. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005. p. 191-215.
- KANT, I. *Crítica da razão prática*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1988.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2021.
- LEMIRE, S.; PECK, L. R.; POROWSKI, A. The growth of the evaluation tree in the policy analysis forest recent developments in evaluation. *Policy Studies Journal*, Urbana, EUA, v. 48, n. 1, 2020.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2018.
- MERTENS, D. M. Philosophical assumptions and program evaluation. *Spazio Filosofico*, Torino, v. 13, p. 75-85, fev. 2015.
- MERTENS, D.; WILSON, Amy. *Program evaluation theory and practice: a comprehensive guide*. 2. ed. New York: Guilford Press, 2012.

PATTON, M. Q. On the life and death importance of thinking. *American Journal of Evaluation*, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 137-146, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098214018756579>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1098214018756579>. Acesso em: 13 ago. 2023.

PATTON, M. Q. *Qualitative research & evaluation methods: integrating theory and practice*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2018a.

PATTON, M. Q. *Utilization-focused evaluation*. 4. ed. Los Angeles, CA: Sage, 2008.

PATTON, M. Q. Evaluation science. *American Journal of Evaluation*, [S. l.], v. 39, n. 2, p. 183-200, 2018b. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098214018763121>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1098214018763121?journalCode=aje>. Acesso em: 13 ago. 2023.

PLATÃO. *A república*. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

ROSSI, P. H.; LIPSEY, M. W.; FREEMAN, H. E. *Evaluation: a systematic approach*. 7. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2004.

SCRIVEN, M. *Evaluation thesaurus*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2008.

SCRIVEN, M. The methodology of evaluation. In: STAKE, R. E. (ed.) *Curriculum evaluation*. Chicago: Rand McNally, 1967. (AERA. Monograph, n. 1).

STAKE, R. E. *Qualitative research: studying how things work*. New York: Guilford press, 2010.

STUFFLEBEAM, D. L. Evaluation models. *New Directions for Evaluation*, São Francisco, v. 89, p. 7-98, 2001.

VERÍSSIMO, L. F. Critério. *Veja*, São Paulo, v. 22, n. 24, p. 25, jun. 1989.

WEISS, C. *Evaluation: methods for studying programs and policies*. Nova Jersey: Prentice Hall, 1998.